

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 183.663, em 11-4-1956 e, de acordo com a Lei federal n.º 2.083, de 12-11-1953, combinada com o Decreto federal n.º 4.857, de novembro de 1939, sob n.º 1.244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital.

N.ºs 45-46 — São Paulo — Dezembro de 56 e Janeiro de 57 — ANO IV

AOS ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Há um século a misericórdia de Jesus se achegava de novo, do modo evidente para todos, aos homens da Terra, no cumprimento de Sua promessa acerca do Consolador.

Um emérito discípulo do Mestre se reencarna para assumir, com o mais sólido critério, a responsabilidade da codificação da Doutrina que seria ensinada pela falange dos Espíritos superiores orientados pelo Espírito de Verdade.

A 18 de abril de 1857 difundia Kardec, para o mundo inteiro, as luzes da Doutrina Espírita, a qual, na palavra autorizada do Espírito de Verdade, deveria "revolver e reformar" o mundo inteiro.

O aparecimento do Espiritismo constituiu, sem a menor dúvida, o fato mais notável, mais marcante e mais auspicioso do século passado.

Fundindo em seu conteúdo, em seus métodos de estudo e em suas finalidades as características legítimas da Filosofia, da Ciência e da Religião, ele veio, realmente, para abalar e dominar os conceitos do Materialismo, conduzindo a civilização para o reinado do espiritualismo sadio e consciente, de onde sairá, certamente, uma sociedade mais harmoniosa, mais fraterna e de ideais mais levantados, uma sociedade legitimamente cristã.

Como Doutrina dos Espíritos, versando sobre a existência, a sobrevivência e a evolução do Espírito, o Espiritismo se liga diretamente ao estudo do mundo das causas, valorizando e fazendo prevalecer, na expressão evangélica, o mundo de Deus, sem deixar de dar ao mundo de César o seu devido e justo valor.

Como todas as criações e todas as idéias provêm da inteligência e do sentimento, o Espiritismo, aclarando os problemas espirituais, modificará salutarmente o sentido da atual civilização onde ainda impera a concepção materialista.

Sendo doutrina do Espírito, o Espiritismo, como judiciosamente afirmou Kardec, só fará sentir em todos os ramos dos conhecimentos e das atividades humanas.

Essa é a função da Doutrina tão sábia e nobremente codificada pelo missionário de Lião: Esclarecer a Humanidade, de maneira positiva e científica, acerca dos problemas atinentes ao Espírito, conduzindo o homem à liberdade e à emancipação religiosas, dando-lhe plena consciência de seus deveres para com o Plano Divino da Vida, para com a Humanidade e para consigo mesmo.

A tarefa da reforma de nossa atual civilização caberá, porém, aos homens encarregados no Planeta e ninguém pode reformar o mundo senão reformando-se primeiro a si próprio.

O orgulho, o egoísmo e o despotismo originados das concepções da filosofia materialista da vida devem ceder lugar, no

intimo de cada criatura, à humildade, ao altruísmo e à mansidão decorrentes da aceitação, voluntária e consciente, da filosofia espiritualista.

O Espiritismo, como filosofia reencarnacionista, demonstrando cientificamente a sobrevivência da Alma, traz todos os elementos necessários à elucidação de cada homem acerca dos seus deveres e dos seus direitos para com a sociedade, iluminando o mundo das causas para cada criatura. Se associarmos as luzes da Doutrina ao alto poder de reforma íntima, não devemos almentar a mínima dúvida a respeito de uma civilização melhor para o futuro, de um mundo de homens conscientes das suas responsabilidades, dos seus deveres.

Daí decorre, pois, que, a nós espíritas compete, diante das nossas elevadas responsabilidades junto ao plano espiritual diretor da civilização humana:

1.º — Estudar cuidadosamente a Doutrina dos Espíritos;

2.º — Procurar adaptarmo-nos, no limite máximo das nossas forças, aos postulados morais decorrentes da aceitação consciente da mesma Doutrina, empreendendo o nosso aprimoramento espiritual progressivo;

3.º — Dar testemunho quotidiano desse mesmo aprimoramento espiritual progressivo através dos nossos pensamentos, dos ideais e da nossa ação nos lares e na Sociedade, essa de cujo aperfeiçoamento devemos ser sempre células vivas;

4.º — Difundir, através da palavra falada ou escrita e através das ações no bem, os postulados básicos da Doutrina Espírita, obedecendo ao Mestre que determinou se pusesse a luz no velador a fim de que todo aquele que dela se aproximasse lhe usufruísse os benefícios;

5.º — Unirmo-nos, doutrinária e cordialmente para, num magnífico trabalho de conjunto, realizarmos as tarefas que estiverem a cargo dos adeptos do Espiritismo, as quais concorrerão poderosamente para a reforma da atual civilização do Planeta;

6.º — Permanecermos sempre de coração aberto para todos, com o desejo permanente, sincero e despretensioso de a todos servir em nome de Jesus e para a glória de Deus.

Essa é a maneira mais lógica, mais útil e mais digna de, nesse ano do centenário do Espiritismo, prestarmos as nossas sinceras homenagens e o nosso preito de admiração e de gratidão para com o Criador, para com Jesus, para com a falange luminosa do Espírito de Verdade, e para com Kardec.

Paz, alegria, evolução; trabalho, solidariedade e tolerância — eis os princípios por que nos devemos orientar hoje e sempre!

CUMPRIU-SE A PROMESSA DE JESUS

Abraão SARRAF

A Doutrina Espírita é uma revelação do Alto. Seus portadores foram os Espíritos devotados à Causa do Cristo, conforme se deduz de suas mensagens fundamentadas nos Evangelhos. O próprio Jesus anunciou-a claramente para a ocasião oportuna, anúncio esse constante do texto do Evangelho segundo S. João. Encontramos ali a afirmação seguinte:

— **Mais tarde eu vos enviarei o Espírito de Verdade que vos recordará meus ensinamentos...**

O Espírito de Verdade, ou Consolador, referido pelo Nazareno há dezenove séculos, só poderia cumprir seu mandato pela revelação, a qual só seria viável pelo método profético, cuja forma é a mediúncia...

Essa revelação deveria ser de tal natureza que o engano não seria possível. O método, na essência, seria o mesmo que o adotado desde Abraão até Moisés e depois, mais acentuadamente, pelos Profetas de que nos dão conta as escrituras antigas.

As instruções transmitidas pelos Profetas foram por eles obtidas pela mediunidade. Estando Jesus ligado a esse movimento deveria adotar o mesmo método de trabalho.

Suas palavras anunciadoras da vinda do Espírito de Verdade eram naturais e compreensivas para os que lhe eram familiares.

Ora, que é o Espiritismo senão a Doutrina revelada pelo Espírito de Verdade? Como procedeu o Alto para que chegassem às nossas mãos os grandes ensinamentos? Pela forma comum, natural e eficaz da mediunidade. Cumpriu-se o grande plano de Jesus, para colocar a humanidade sobre as bases estáveis e sólidas do conhecimento, afim de compreender os fundamentos do Evangelho, que deve apoiar toda a ação humana. Tudo deverá girar em torno da **Caridade**.

Os homens possuindo bom fundamento para sua conduta na vida e a orientação certa depois da morte, estarão aptos para enfrentarem a reforma do Planeta, como consequência natural de sua maturação.

Jesus é o fundamento por excelência. Promoveu a reforma dos corações e preparou legítimos auxiliares para colaborar em seus planos redentores.

O grande movimento caminhou, resultante desse preparo através de dezenove sé-

culos. Em meados do século passado foi empreendido o gigantesco trabalho de reforma, chefiado por missionário de absoluta confiança do divino Mestre. Não confiança de favor ou de prova.

Respeite-se a qualidade de previdência, de que Jesus era seguro portador. Por isso que é ele divino. Jesus entregou tal tarefa àquele que em outras eras e na sua própria, prestara serviços reais, de absoluto traço missionário. Esse escolhido, em cujas mãos Jesus depositou o bastão de comando da obra de reforma do Planeta foi Allan Kardec.

As mensagens dos Espíritos lhe foram entregues para o trabalho da Codificação.

O movimento girou em torno de Kardec. Era ele o missionário indiscutível, apesar de invejado e traído, por instrumentos das trevas, conscientes uns e inconscientes outros, pois avaliaram o alcance das operações que ele desenvolvia com pulso firme e mãos limpas.

O trabalho missionário de Kardec foi o da codificação das instruções dos Espíritos que estavam sob as vistas do Espírito de Verdade. A orientação e a divulgação adequada dos ensinamentos que se apresentaram, desde o início, como algo de caráter revolucionário em relação à filosofia e à religião dominantes. Intenso movimento de idéias ebulicionava os meios espiritualistas. De forma crescente e profunda as revelações se derramavam de muitas partes, mas com impressionante unidade. A fonte era a mesma. As partes se ajustavam como que por encanto.

Kardec compreendeu logo o papel que lhe cabia executar. Por coerência denominou o 1.º Livro da codificação: **O Livro dos Espíritos**. O lançamento do primeiro volume da codificação deu-se a 18 de abril de 1857, em Paris. Seguiram-se outros volumes, variados trabalhos e uma revista mensal. **Todas as cousas foram restabelecidas.** O movimento providencial cresceu rapidamente abalando os meios filosóficos e religiosos. Estava assim lançada no mundo a Nova Revelação, cumprindo-se as palavras do divino Mestre, claras, irretorquíveis e sobretudo imensamente consoladoras: — Mais tarde eu vos enviarei o Espírito de Verdade — o Consolador — que vos recordará tudo quanto vos tenho dito...

As Crianças e o Natal

NANCY PUHLMANN

NOS ÚLTIMOS ANOS vem se realizando uma campanha, através da imprensa falada e escrita, no sentido de que um número sempre crescente de famílias recebe em seu lar para a festa de Natal, ao menos uma criança, das centenas e centenas que vivem em abrigos ou lares coletivos. A primeira vista, essa idéia vem trazer uma grande felicidade para a criança órfã e significa uma realização caritativa para a família que a recebe. A nossa opinião é a de que esses benefícios são apenas aparentes. Muito ao contrário, achamos

que essa medida é social e psicologicamente inoportuna para a criança órfã, além de ser baseada em um princípio, hoje felizmente superado.

Vamos defender nosso ponto de vista: A única justificativa para essa campanha é a de se apoiar no conceito de que os abrigos de crianças, são, foram e sempre continuarão a ser, inevitavelmente, casus de infelicitàde. Esse conceito já não corresponde à verdade. A assistência social está em franca evolução, principalmente no Brasil, onde, ao lado da técnica assistencial, o Cristianismo vem inspirar

as realizações fraternas, cujo significado só o futuro poderá avaliar. No setor da criança, sabe-se que quase toda a assistência é feita por iniciativas particulares, geralmente religiosas, de várias doutrinas cristãs. Muito longe ainda de satisfazer às necessidades do desamparo, caminha entretanto a assistência à infância para um padrão completamente renovado, onde as formas superficiais do passado cedem campo ao exercício natural da fraternidade, dentro do plano arquitetado pelo Alto para o advento da nova era de luz.

Muitos dos leitores terão tido, como nós, a ventura de conhecer abrigos de crianças que são verdadeiros lares cristãos, mais ajustados às finalidades do grupo familiar e mais felizes do que muitas das chamadas famílias modernas, onde coisas como o pife-pafe

ocupam os primeiros lugares e onde os filhos crescem sem os exemplos dignificantes que focalizam e ampliam as possibilidades superiores da vida.

A criança abrigada é fundamentalmente igual às demais crianças do mundo. Por mais clara que nos pareça essa afirmativa, forçoso é reconhecer que só modernamente é que esse conceito penetrou nos meios sociais, e — o que é mais triste — entre os próprios dirigentes de obras assistenciais. Ela precisa da proteção e do carinho, não em dias fixados pelo calendário, e sim como o pão cotidiano, condição de sobrevivência física e psicológica. Ela procura como todas, o pai, a mãe, os irmãos. Ainda que passe despercebido, elege os seus favoritos entre os seres que estima, os

(continua na pág. 5)

Contradições Aparentes

Luiz Monteiro de Barros

III

Como vimos no artigo precedente, na palavra autorizada de Emmanuel, transmitida através da mediunidade ímpar de Chico Xavier, Jesus pertence a constelação de Espíritos de luz que orientam a vida do nosso sistema solar, tendo sido designado para orientador da evolução do nosso Planeta. Antes que existisse o nosso Planeta já Jesus pertencia, pela sua esplendente evolução espiritual, à corte dos Espíritos com autoridade suficiente para controlarem a evolução de corpos celestes. É exatamente a essa situação que faz referência o cap. 17.º do Evangelho segundo João, nos seus versículos 4.º e 5.º: "Eu glorifiquei-te sobre a Terra, e acabei a obra que tu me encarregaste que fizesse; tu, pois, agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que eu tive em ti, antes que houvesse mundo."

Na qualidade de orientador supremo do nosso Planeta, Jesus joga, no setor da sua jurisdição, com todos os recursos da Natureza, com todos os recursos que Deus criou e pôs à disposição dos filhos que já merecem a sua confiança no que concerne à alta responsabilidade de orientar corpos celestes ou grupos de corpos celestes. Certamente é por essa razão que Jesus diz que todas as coisas que são do Pai são dele, tal como naquela passagem referente à vinda do Espírito de Verdade (cap. 16.º de João) em que o Mestre afirma que ele (o Espírito de Verdade) "me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo-á de anunciar; todas as coisas, quantas coisas tem o Pai, são minhas; por isso é que eu vos disse que ele há de receber do que é meu, e vo-lo-á de anunciar."

Conhecendo a Vontade de Deus, suas leis e seus objetivos, e tendo aderido a elas por força da sua elevada evolução espiritual, Jesus representa, na Terra, a Vontade do Criador, e por isso mesmo se diz um com o Pai. Essa expressão de unidade entre o Pai e o Filho deu margem a que se supusesse ser Jesus o próprio Criador. No entanto os Evangelhos são bem claros a tal respeito em suas várias expressões, não justificando tal conceito. Jesus era um com o Pai no que concerne ao plano divino da vida, ao qual ele aderira livre e conscientemente, como acontecerá com todos nós, num futuro ainda muito longínquo.

O Mestre desejava que também os seus discípulos fossem unos com ele, assim como ele o era com o Pai. É isso que os evangelhos ensinam. Senão vejamos: João, cap. 17.º, vers. de 17 a 23: "Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo. E eu me santifico a mim mesmo por eles, para que também

eles sejam santificados na verdade. E eu não rogo somente por eles, mas rogo também por aqueles que hão de crer em mim por meio de sua palavra: Para que eles sejam todos um, como tu, Pai, e eu em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós, e creia o mundo que tu me enviaste. E eu lhes dei a glória que tu me havias dado, para que eles sejam um, como também nós somos um. Eu estou nêles e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que tu os amaste também a mim."

A unidade, pois, a que Jesus se referiu, era a unidade doutrinária, a unidade de pontos de vista, de tal forma que o filho possa ser digno de representar o pensamento do Pai. Essa é a meta a ser atingida por todos os filhos. Jesus reafirmou o ensinamento de que nós éramos deuses, e frisou bem que o reino de Deus deveria ser encontrado dentro de nós mesmos e não fora. Somos somente parcela divina e, como tal, cada um, com o decorrer dos séculos, irá fazendo desabrochar a potencialidade divina encerrada no nosso próprio âmago. Por isso mesmo o Nazareno afirmou que "tudo o que eu faço vós fareis um dia, e ainda mais", aconselhando os nossos esforços ininterruptos para que fôssemos "perfeitos como nosso Pai celestial é perfeito."

Desde o início, o Pai se ligou aos filhos, suas criaturas, de forma consciente, voluntária e permanente; na sua evolução os filhos acabaram por se ligar ao Pai de forma também consciente, voluntária e permanente. Essa ligação consciente, voluntária e permanente da criatura com o Criador é fruto da evolução espiritual e é a meta a ser atingida por todos nós. Haverá então unidade de pontos de vista da criatura para com a vontade e o plano de vida do Criador. É isso que os evangelhos ensinam. É o Espiritismo também.

A respeito desse tema é preciso atentar bem para a expressão evangélica acima referida: "Para que eles sejam todos um, como tu, Pai, e eu em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós... Eu estou nêles como tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade." Portanto, se por estar com Deus, Jesus é Deus, então também os discípulos são deuses, e não só os discípulos mas todos aqueles que acreditarem na palavra de Jesus por intermédio dos discípulos dele.

Parece, pois, que, ainda uma vez, o Espiritismo está esclarecendo meridiana e o texto evangélico.

(Continua)

Três Experiências (*)

De: GENEVIEVE LANDAKER
(Tradução de S. J. HADDAD)

II

O segundo teste era menos sutil: Walt, que fora meu parente quando encarnado e era ministro protestante, começou a me transmitir mensagens quando eu me sentava à máquina de escrever. Seu manto de ministro, que era de cor preta, já me devia ter prevenido. Na Terra, ele era apegado às suas opiniões pessoais, severo nos seus julgamentos e forte na sua linguagem e temperamento. Cada artigo que me ditava era sobrecarregado de pontos de vista doutrinários antiquados. Decidi então fechar a máquina e, de desgosto, resolvi não escrever mais. Walt ficava aguardando; toda a vez que o via pela clarividência, ele tinha nas mãos grandes maços de papel datilografado, pedindo para que os copiasse. Uma atitude de falsa cortesia me impedia de despedi-lo por completo, a fim de que não voltasse mais. Toda a vez que procurava a inspiração, Walt se interpunha. Por fim exigi que deixasse a Terra e fosse para os planos astrais. Alguns meses mais tarde, quando na presença de uma médium

de São Francisco, Walt entra em comunicação com ela e estava determinado no sentido de que eu recebesse os seus manuscritos. Quase convence a médium em seu favor! Entretanto, nós duas iniciamos com ele uma doutrinação, explicando-lhe a necessidade de se retirar para o plano astral. "Irei," prometeu-nos, "porém logo estarei de volta". Outra vez lhe dissemos que seria inútil ele querer escrever por meu intermédio, que todo o espírito tem o direito ao seu livre arbítrio e que os nossos propósitos, neste caso, divergiam. Então o abençoamos e aguardamos até que fosse levado da Terra.

Passado o teste número dois, dêle aprendi que devemos julgar, com cuidado, o valor de tudo que recebermos do mundo dos Espíritos. Somente os Invisíveis das Esferas Elevadas nos podem trazer a Verdade, a iluminação e a inspiração de que tanto necessitamos na Terra.

* — Ver o número de outubro-novembro (Nota da Redação).

O Negativismo

J. Pinheiro

O NEGATIVISMO existiu em todos os tempos e a propósito de tudo. Negar um fenômeno é sempre mais fácil do que procurar provar-se-lhe a possibilidade. Quando não se duvida de tudo — nega-se tudo. Homero é balela, Jesus não passa de lenda, Camões nunca foi pobre, Casimiro de Abreu era um ricoço perdulário. E assim é. Mas demos a palavra a Charles Richet:

"A história das ciências nos ensina que as mais simples descobertas foram repelidas, a priori, sob o protesto de que estavam em contradição com a ciência. A anestesia cirúrgica foi negada por Magendie. A existência dos micróbios foi contestada durante vinte anos por todos os acadêmicos de todas as Academias. Bouillaud declarou que o fonógrafo não era senão ventriloquia. Lavoisier disse que os meteorólitos não caíam do céu, porque não havia pedras no céu. A circulação do sangue só foi admitida depois de quarenta anos de estêreis discussões. Um dos meus avoengos, P. S. Girard, num discurso pronunciado na Academia das Ciências, em 1627, considerava como loucura a idéia de se poder levar água, por meio de canos, a lugares elevados de casas. J. Müller afirmava, em 1810, que nunca se poderia medir a celeridade do influxo nervoso. Pápin, em 1669, construía o primeiro barco a vapor. Fulton, cem anos depois, refez essa descoberta, que não foi reconhecida como útil à navegação senão vinte anos mais tarde. Quando, em 1832, sob a direção do meu ilustre mestre Marey, procedia aos meus primeiros ensaios de aviação, só encontrei pela frente incredulidade, desprezo e sarcasmo. Poder-se-ia escrever um volume completo sobre as paspalhices que foram ditas na ocasião de cada descoberta e a respeito dela própria."

Notemos — continua ele — que o "que aí fica não é opinião da plebe — a opinião da plebe nenhuma importância tem — porém a de sábios. Ora os sábios julgam que traçam limites que a ciência futura é incapaz de romper. Como o disse espiritualmente C. Flammarion,

"Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas (e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não vem longe), com elas se dará o que tem acontecido a todas as idéias novas que não encontrado oposição: os sábios se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas".

Demos pois tempo ao tempo. Não nos afobemos nem nos enristegamos. Cuidemos do que nos cumpre cuidar, para não cairmos em erros nem levarmos outros a cometê-los: o resto virá por si.

"chegados ao limite das cousas, põem um ponto final no caminho do progresso".

Tão logo declarem — termina Richet — que "tal ou tal fenômeno é impossível, confundem desastrosamente o que é contraditório com a ciência e o que é novo na ciência. Convém insistir na tecla, porque ela é a causa profunda de um cruel mal-entendido".

Nega-se o Espiritismo, de pés juntos e a três por dois. Quando os primeiros fenômenos espíriticos chegaram às portas das Academias, foram eles atribuídos, por uns, a fraudadores e maliciosos e por outros ao próprio Diabo. A mesma ingenuidade e malícia campeiam nos dias de hoje. O Espiritismo ainda continua, embora em padrão menor, a ser obra de gente perniciosa ou do Satã, em pessoa. É incrível, mas é a realidade. Os fatos são eloquentes, saltamos aos olhos, diurna e noturnamente. Mas o que há continua a ser parvoíce...

Camille Flammarion, que todos os espíritas conhecem, costumava dizer, referindo-se a esses mesmos fatos eloquentes, que quem os nega ou é ignorante, ou é lógico ou procede de má-fé.

Porém demos tempo ao tempo. Contra fatos não há argumentos. Continuemos a estudar, a investigar os fenômenos, a serrar a palavra evangélica segundo os postulados do Espiritismo — que um dia venceremos.

Tenhamos sempre sob os olhos a seguinte afirmativa do mestre Allan Kardec:

"Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas (e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não vem longe), com elas se dará o que tem acontecido a todas as idéias novas que não encontrado oposição: os sábios se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas".

Demos pois tempo ao tempo. Não nos afobemos nem nos enristegamos. Cuidemos do que nos cumpre cuidar, para não cairmos em erros nem levarmos outros a cometê-los: o resto virá por si.

SÊLO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

A revista "O Cruzeiro", do Rio de Janeiro, publicou a seguinte notícia no seu número de dezembro, a qual, com a devida vênia, transcrevemos:

"A revista O CRUZEIRO, em primeira mão, apresenta o desenho do selo comemorativo da Codificação do Espiritismo.

Inúmeros selos comemorativos católicos e alguns protestantes já foram emitidos pelo D.C.T., e em princípios de 1957 teremos um selo espírita. É essa, realmente, mais uma demonstração inequívoca do alto espírito de liberdade e igualdade religiosa de que se orgulha o Brasil.



Devidamente aprovado pelo D.C.T., este selo terá a taxa de Cr\$ 2,50 e a tiragem de 5 milhões. Na forma do regulamento postal, o D.C.T. solicitou ao Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas a necessária autorização para o selo em apreço, o que se espera seja concedida dentro em breve. (*)

Em entrevista exclusiva, a Federação Espírita Brasileira, entidade máxima do espiritismo no Brasil, informou que grandes festividades comemorativas da passagem do 1.º Centenário do Espiritismo se realizarão em todo o território brasileiro, em abril próximo, estendendo-se às instituições congêneres de todo o mundo.

O motivo principal do selo é o retrato de Allan Kardec, fundador do Espiritismo.

Nasceu em Lion, no ano de 1804, bacharelou-se em Ciências e Letras e formou-se em Medicina. Aos cinqüenta anos iniciou seus estudos acerca dos fenômenos espíriticos. Codificou e publicou o Livro dos Espíritos, cuja primeira edição apareceu em abril de 1857."

(*) A autorização a que se refere a notícia já foi concedida pelo Exmo. Sr. Ministro.

BRASIL-SÃO PAULO

Fato espirita?

Um dos nossos redatores dirigiu a Sua Excelência o Sr. Presidente da República, em data de 15 de outubro último, uma carta, sem resposta até o momento, nos termos abaixo:

"A revista espirita **Luz e Caridade**, que se edita em Braga, Portugal, publicou em o seu número de agosto do ano em curso o seguinte:

"ASPECTO DE UMA ENTREVISTA"

Em março do corrente ano, concedeu o Presidente da República Brasileira uma notável entrevista exclusiva ao correspondente especial do "Diário Popular", de Lisboa, à Exma. Sra. D. Maria Ó Neill, e da qual, pela importância particular que reveste dentro da fenomenologia espiritualista, tomamos a liberdade de transcrever, com a devida vênia, o seguinte fato, a propósito narrado:

"O "milagre" do Padre Eustáquio e a candidatura do dr. Juscelino.

A saída do Palácio do Catete encontrei um amigo do Presidente que o acompanhou durante a campanha eleitoral e que me referiu um fato curioso. Este amigo do Juscelino, o Sr. O. L., referiu-se a isso como se se tratasse de raro e estranho fenômeno.

O dr. Kubitschek de Oliveira, ainda em plena campanha eleitoral, foi descansar no Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte, o qual é de difícil acesso e que tinha o único portão rigorosamente guardado. Um grande impasse político surgia no Rio a propósito da sua candidatura. Um telefonema da capital, certa noite, deixara intranquilo o Presidente. Os seus amigos não se atreviam a perguntar-lhe o que havia e ele tentava aparentar despreocupação, embora as pessoas que o rodeavam se apercebessem de que o telefonema lhe havia feito pensar em tomar uma resolução drástica relacionada com a sua posição de candidato ao supremo cargo da Nação. Até que, passados uns momentos, um empregado vem anunciar que um padre desejava falar, urgentemente, com o dr. Juscelino.

— "Dize-lhe que faça o favor de entrar, que o receberei imediatamente".

O reverendo, desconhecido para o dr. Kubitschek de Oliveira, acerca-se dele, que lhe beija a mão, e diz, textualmente:

— "Meu filho, vim aqui, neste momento, por saber que necessita de uma bênção especial".

Depois, fazendo o sinal da cruz, baixou a cabeça aos presentes e retirou-se.

Volvidos alguns minutos, um dos amigos do candidato chamou a atenção de um dos guardas, perguntando-lhe se não sabia das ordens que tinha recebido de que ninguém podia interromper o descanso do dr. Juscelino — e ele, afir-

PELO MUNDO

nal, havia deixado entrar um padre, quase sem dar tempo ao empregado para o anunciar.

— Mas, senhor, ninguém entrou! Não deixei o portão, que até está fechado à chave, nem por um instante! Não vi nenhum padre!"

E, de indagação em indagação, chegou-se a este resultado: ninguém conhecia o reverendo. Ninguém o vira entrar e ninguém o vira sair. E, até hoje, o dr. Juscelino não sabe quem lhe deu esta bênção especial. Apenas pode dizer que, rapidamente, após segundo telefonema do Rio, tomou a atitude enérgica de não retirar a sua candidatura, pois era essa, afinal, a pressão que se fazia no Rio e pela qual lhe haviam telefonado.

Conta-se que o atual Presidente teria exclamado, nessa ocasião, estas palavras que, ao sintetizarem o seu profundo sentimento cristão, afirmam igualmente o seu desmemor: "Deus poupou-me do sentimento do medo!"

Após um momento de silêncio, manifestei o desejo de tornar público esse fato, no caso de não ser considerado inconveniente.

— Pode fazê-lo! O sr. Presidente — diz-me o seu amigo — não o ocultar e até já o referiu em público. Um jornal de Minas publicou-o e, por essa ocasião, os comentários relacionavam o caso como um possível "milagre" do Padre Eustáquio — morto há anos — e por cuja memória o povo de Minas Gerais tem grande devoção".

Comunico a Vossa Excelência que o "Diário Popular", a que a revista faz referência, é de 6 de março de 1956.

A vista da notícia, permito-me indagar de Vossa Excelência, pedindo-lhe, se for de sua conveniência, uma resposta comprobatória:

1. E' exato o que o jornal luso relata?
2. Notou Vossa Excelência algo de estranho na presença do sacerdote?
3. Nenhum sentimento diferente se apossou de Vossa Excelência ao oscular a mão do sacerdote?
4. Como se sentiu Vossa Excelência após a bênção? Teve Vossa Excelência porventura arrepios ou tremulamentos de corpo?
5. Aquela frase, que lhe emprestam, de que Deus poupou a Vossa Excelência o sentimento de medo, se refere a medo político, religioso ou a coragem pessoal?
6. Que jornal (nome e data da edição) de Minas Gerais noticiou o fato?
7. Posso fazer uso, porque pretendo estudar o fenômeno — se fenômeno for — à luz da Doutrina Espírita, da resposta de Vossa Excelência?

Cumprimentando Vossa Excelência, apresento-lhe os meus cordiais votos de saúde pessoal e prosperidade na administração governamental."

A USE NA RÁDIO PROGRESSO

Comunicamos aos nossos leitores, com prazer, que a USE recebeu da União Federativa Espírita Paulista uma carta datada de 18 de setembro, em que a Diretoria daquela entidade põe à nossa disposição, sem qualquer ônus para nós, uma hora semanal no Programa Radiotônico Espírita Evangélico do Brasil, que é levado ao ar das 20 às 21 horas.

A USE aceitou a generosa oferta da União Federativa, tomando a seu encargo, a partir do dia 8 de fevereiro, de, às sextas-feiras, manter aquela hora, em que serão tratados assuntos relativos à USE e se farão ouvir oradores previamente convidados.

A hora em aprêço, com o prefixo FALA A USE..., ficará sob a responsabilidade do Departamento de Publicidade e Propaganda da USE e sob a orientação do nosso confrade Teixeira de Paula, já conhecido dos nossos leitores e pertencente ao Conselho de Redação do nosso jornal "Unificação".

Convidamos pois os nossos leitores a, nas sextas-feiras, das 20 às 21 horas, ouvir também aquela hora, que devemos à gentileza dos nossos companheiros de Ideal da União Federativa Espírita Paulista, à qual mais uma vez expressamos os nossos agradecimentos.

Campanha do Desarmamento Infantil

O nosso confrade Olegário Ribeiro Candeias tomou a peito a iniciativa de promover uma campanha contra a mania generalizada de se presentear a guirizada com brinquedos representativos de armamento bélico. Está ela sendo feita através da Imprensa, da Rádio, da Televisão e de palestras em centros espíritas e locais profanos. Não se limita a isso a atividade do nosso confrade, que mandou distribuir, para exposição em casas comerciais, como tivemos oportunidade de verificar, numerosos cartazes com os seguintes dizeres:

"Campanha do Desarmamento Infantil. Papaizinho!

Neste Natal não me traga brinquedos em forma de armas, que fazem os homens maus.

Amem verdadeiramente seus filhos".

E' uma iniciativa simpática e feliz, com a qual este órgão está — como não podia deixar de estar — inteiramente de acordo.

Aliás campanhas dêsse gênero, diga-se a verdade, não são novas. Ainda bem, porque contra as más idéias todo combate é pouco. Conhecemos por exemplo o texto de um cartão postal, impresso em 1921 pela Seção Alemã da Liga das Mulheres pró Paz e pró Liberdade, o qual correu mundo. Como colaboração da USE, sempre atenta aos movimentos de finalidade esclarecedora, oferecemos ao nosso confrade Olegário Ribeiro Candeias — e aos interessados em geral —

o texto em aprêço, que traduzimos de **L'Heure d'Être**, número de dezembro de 1921:

"Natal! Ano-Bom! São dias de festa e de alegria, que também o devem ser de Paz e de Fraternidade!

Aproximam-se as festas! Que elas sejam de alegria para os nossos filhos, de renascimento para a vida! Para trás com a atmosfera de morte, de assassinio e de destruição!

Recusemo-nos a dar-lhes brinquedos que lhes lembrem a destruição mundial, a guerra e as mortes sem-fim. Recusemo-nos a levar para casa armas e uniformes bélicos. Ponhamos de lado os soldadinhos de chumbo. Acabemos com os brinquedos de guerra.

Demos-lhes material que sirva para construções, para modelagens, brinquedos de madeira e pertences de trabalho, como os próprios de mineiro, artistas, marinheiro.

Recusemo-nos a dar-lhes livros que glorifiquem a guerra, que lhes despertem no espírito o "instinto bélico", que exaltem acontecimentos guerreiros.

Demos-lhes livros acerca de animais e plantas, de países estrangeiros e de céus estrelados, de contos e de trabalho.

Recusemo-nos a dar-lhes imagens representativas de campos de batalha, de sofrimento de feridos e moribundos, de ânsia de vitória.

Demos-lhes estampas de paisagens, de cidades, de personagens de contos de fadas.

Não envenenemos por mais tempo a alma dos nossos filhos, a sua fantasia, como o estaremos fazendo com livros e brinquedos de mau naipe.

Lembre-mo-nos do direito da criança! Deixemo-la no domínio em que deve estar:

Um domínio de alegria — sem crueldade.

Um domínio de bondade — sem armas. Um domínio de pacifismo — sem rancor.

Um domínio de vida, de paz, de trabalho, de solidariedade!

Como tratarmos a infância, assim ela será no futuro!"

A Campanha do Desarmamento Infantil é digna de apoio. Nenhum pai, com orientação evangélica, deixará de ver nela uma das maneiras mais belas para o cumprimento da ordem do Divino Pastor:

— Deixai vir a mim os pequeninos!

Acêrca do supracitado assunto, o Conselho Metropolitano da USE está distribuindo o seguinte volante:

"NOSSOS FILHOS EM PERIGO CUIDADO

Não presenteie armas nem brinquedos de guerra aos pequeninos.

Não os induza à destruição.

Oriente-os nas diretrizes cristãs, preparando-os para o mundo de amanhã.

Evite que a mente infantil, igualmente, se envenene com filmes e revistas de vaidade, crimes e vingança.

Cada gesto de bondade, que ensinar a seu filho, será um doce aceno de esperança para o mundo novo que se aproxima, onde ele, por certo, espalhará as bênçãos do amor e do perdão, oriundos dos ensinamentos que seu coração abençoado lhe proporcionou."

Sua
contribuição

I N D U S T R I A S S A N S Ã O S. A.
E S C R I T Ó R I O S :
AVENIDA DA LIBERDADE, 21 — 8.º ANDAR — TELEFONES: VENDAS 63-2367 — GERÊNCIA 36-2518
CAIXA POSTAL, 4.978 — END. TELEGRÁFICO "SANSÃO" — SÃO PAULO

pró
Unificação

O Estudo da Bíblia

CARLOS IMBASSAHY

Meu caro Ismael. Vejo que houve quem escapasse da inundação bíblica que está assolando o campo do Espiritismo. Pelo menos, V. verificou que entre o Velho e o Novo Testamento há um abismo.

O valor da nossa doutrina reside no apelar sempre para o raciocínio, para o bom senso, quando as "provas" não forem suficientes à convicção. O próprio Kardec achava preferível rejeitarem-se 99 manifestações certas a se aceitar uma falsa. Pois agora, quando já vai tão alto o sol dos nossos preceitos, é que os nossos irmãos abandonam a clareza dos livros básicos, a lógica da doutrina, o valor das demonstrações, para se meterem na Bíblia; o mesmo é dizer para se embrenharem na obscuridade dos textos, no arbítrio das interpretações, na infantildade das lendas, no emaranhado das contradições, na confusa miscelânea, onde se entrecrocavam as sentenças divinas e as maldades humanas. A base granítica da prova é substituída pelo areal movediço da fantasia, onde a nota predominante é a do absurdo.

Um delês é o de se asseverar que o Cristo não veio destruir a lei, e que esta lei seria a Bíblia. Não poderá haver maior heresia lançada à face dos exemplos e dos conselhos do Divino Mestre. Todo o Evangelho é a derrogação das perversidades, da hipocrisia, dos assassinios, das escabridades, das truculências que se acham nas Velhas Escrituras.

Se a lei de que fala o Cristo fosse a Bíblia, lá estaria para contradizê-la o texto de Mateus, 5:33: "Tendes ouvido que foi dito: olho por olho, dente por dente. Eu porém vos digo: não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te der na face direita, volta-lhe também a outra..."

Creio que terei que lembrar toda a sorte de disparates que fazem parte do estudo bíblico, a ver como é que o Cristo veio confirmá-los ou como os explicam os dignos confrades que saíram apressadamente a embargar-me os passos.

Se, porém, como diz S. Tiago, o que o Cristo não revogou foi apenas o Decálogo, não sei por que a devoção da Bíblia, ou por que havemos de reverenciá-la mesmo com aquela série de imoralidades, que a tornam imprópria para menores. Não só o Decálogo é uma parte minimíssima do Livro Sagrado, como alguns mandamentos se encontram em toda a parte, em todos os códigos do Mundo, em quase todas as epopéias sacras, antes, durante e depois da Bíblia. Não é privilégio de livro nenhum.

Entretanto, meu caro Ismael, alguns dos seus tópicos merecem reparos, e tenho o osio de fazê-los, confiados na superioridade do seu espírito.

Diz V. que "compreende a minha reação extremista, abolindo num artigo de a Bíblia toda".

Ensinava a arinha, onde eu estudei o meu pouco de latim, que, por onde se fazia a pergunta, por aí se devia dar a resposta: — *Cujus est haec oratio? Ciceronis.* Ora, perguntaram-me qual a Bíblia que os espíritas adotavam. Tinha que responder conforme a pergunta. Conhece o meu amigo Ismael, ou o meu amigo Tiago, ou outro escritor qualquer dado às Escrituras, alguma Bíblia adotada pelos espíritas? O Espiritismo estabelece alguma Bíblia? Quem sabe por aí qual a Bíblia que os espíritas adotam, a igual dos protestantes e dos católicos?

Eu cá não a conheço. Dei, então, a minha resposta: — *Nenhuma.*

Ma sacrescente!, o que aliás parece que ninguém viu, e só não aconselho aos miópes uns olhos de baeta, por ter muitos

amigos na questão. Assim disse: — "Entretanto, há espíritas ainda muito ligados a estudos bíblicos. Cada um destes possui a sua Bíblia particular..."

Como se vê e se lê, não era necessário que o meu amigo Tiago fosse tirando

do a água do capote, porque nem o seu nome estava em jogo, nem a sua respeitável opinião comprometida com o meu trecho.

Também acrescentei que cada um conserva sua opinião sobre o caso, a qual

ainda não tinha força de se impor como princípio. Pois não é verdade que os princípios espíritas não podem sair de determinada cabeça como Palas saiu da de Júpiter? Pois não é verdade que o Espiritismo assenta em provas, e não só, ainda não se conhecem as provas bíblicas, como aquilo é uma salgachada em que cada um mete a sua colher como pode e como entende?...

Volte, agora, o meu bom Ismael ao artigo, e verá que eu declarava falar em tese, de modo geral. Não desci, pois, aos casos particulares, aos casos aceitáveis da Bíblia. Cheguei a ressaltar o Novo Testamento. Como, pois, aboli a Bíblia toda? Mas, dizer que aceitamos a Bíblia porque há lá uns pontos que se saíam é o mesmo que ter como base do Espiritismo o Zend Avesta, porque há lá umas coisas prestáveis.

Crê V. que ainda me poderiam achar quixotesco porque se trata de um livro que merece estudo a sério.

Mas onde é que eu lhe proibi o estudo? Onde se veria isto?...

Vê V. na Bíblia uma fonte de inspiração. É possível. Que "aqueles homens de Deus", receando pela pele, dessem suas mulheres aos outros; que Jeová, depois de mandar assassinar e roubar desse as donzelas à soldadesca; que um genro abalasse com as duas filhas de um velho e mais o seu gado; que a quadrilha de Davi assaltasse e espoliasse, tudo como muito bem diz o meu caro confrade... E mais ainda, que Deus irado e dementado pela raiva praticasse coisas medonhas, como é natural a um Deus que perde a cabeça; que voltasse, às vezes, atrás das tropelias que ia cometer, porque Moisés, mais ajuizado, lhe impedia as truculências; que se arrependesse da asneira que fez construindo o mundo; que mandasse matar os médiuns à pedra... Em suma, que essas páginas cheias de sangue e de tolces tenham inspirado muita gente, não há dúvida. A cabeça de Holofernes, decapada ao golpe de Judite, a traicão de Dalila, entregando Sansão aos filisteus, não provocado muito livro, muito quadro e até muita música. Mas que é que têm os princípios espíritas com isso?...

Muito maior inspiração surgiu da Mitologia. Nela se celebrizaram os maiores vultos da arte. Toda a Grécia e Itália antigas, a Idade Média, a Renascença estão cheias daquelas histórias fabulosas. A erudição clássica tem emprestado, mesmo, grandes subsídios à história das religiões. Mas nem por isso, nem pela admiração que nos possa causar a Vênus de Milo, a estátua de Júpiter Olímpico, irmãos dar como base de nossos estudos a iracúndia de Zeus, o pomo da Discórdia, a belicosidade de Marte, os ciúmes de Juno ou o perjúrio de Cassandra.

Já vê que, se o Paganismo brilhou nos esplendores da estatuária, da pintura, do poema ou do drama, não atinamos a razão por que devam os nossos estudos ser dele parte integrante.

Ler a Bíblia, estudar a Bíblia, extasiar-se com a Bíblia, praticar mesmo a Bíblia e ir depois para a cadeia, está no direito de cada um. Mas isso não é Espiritismo, nem pode ser fonte onde haurir nossos ensinamentos. A fonte do Espiritismo são os livros de Kardec, é a uniformidade no ensino dos Espíritas, é a sua universalidade; a base está no fato.

Fora daí é deixar o flanco inabilmemente aberto ao ataque dos adversários. Foi isto o que procurei esclarecer, lavando as mãos quando o biblismo exagerado houver conspurcado as belezas da nossa doutrina.

NOTICIÁRIO DO INTERIOR

FESTIVIDADES DIVERSAS

SOCIEDADE ESPÍRITA "25 DE DEZEMBRO" — Barretos

Com festejos realizados nos dias 22, 23, 24 e 25 de dezembro, foi comemorado o cinquentenário de fundação da SOCIEDADE ESPÍRITA "25 DE DEZEMBRO", sediada na Rua 16, n.º 254, na cidade de Barretos.

Foram proferidas palestras doutrinárias pelos confrades Apolo Oliva Filho, Altivo Ferreira e Wilson Ferreira de Mello.

ASSOCIAÇÃO DAS SENHORAS CRISTÁS — Jaú

No dia 23 de dezembro, foi inaugurado, na Rua Botelho de Miranda, esquina da Rua General Isidoro, em Jaú, o LAR DA CRIANÇA, destinado ao abrigo de crianças desamparadas.

As solenidades foram dirigidas pela presidenta da Associação, Dona Rosa Maciel Fagnâni, tendo sido convidada para saudar as autoridades presentes a nossa colaboradora D. Luísa Peçanha Camargo Branco.

LAR DOS VELHOS "IRMÃ TERESINHA" — (Ex-Centro Espírita "Irmã Teresinha") — Pindamonhangaba

Por deliberação tomada pela Assembléia Geral realizada a 6 de setembro de 1956, o Centro Espírita "Irmã Teresinha", existente na cidade de Pindamonhangaba desde 23-9-1945, passou a denominar-se "LAR DOS VELHOS "IRMÃ TERESINHA".

No dia 23 do mesmo mês foram eleitos e, no dia 3 de outubro, empossados, os confrades abaixo, membros da nova Diretoria: Presidente: José Avila; Vice-Presidente: Arnaldo Amadei; 1.º Secretário: Filipe da Silva Lima; 2.º Secretário: Maria Lídia Amadei da Silva; 1.º Tesoureiro: Manoel Pereira dos Santos; 2.º Tesoureiro: Anibal Leite de Abreu; Diretor Administrativo: Maria Ferreira dos Santos; Diretor Clínico: Francisco Lessa Junior, e Procurador: Waldomiro Benedito de Abreu.

UNIÃO MUNICIPAL ESPÍRITA DE SÃO ROQUE — São Roque

Comemorando o seu 1.º aniversário de fundação, o Centro Espírita "BEZERRA DE MENEZES", sediada na Av. 3 de Maio, 204, em São Roque, fez realizar, com a colaboração da UME local, no dia 1.º de janeiro, solenidades comemorativas constantes de conferências doutrinárias, seguidas de um programa festivo.

No dia 23-12-1956, a União Municipal Espírita daquela cidade, às 14,00 horas, procedendo ao encerramento das Aulas Evangélicas Espíritas, promoveu um festival dedicado às crianças do Catecismo Espírita, com números de recitativos e declamações a cargo das mesmas crianças, seguindo-se farta distribuição de brinquedos e doces.

ESCOLA DE MÉDIUNS E DE DIRIGENTES DE SESSÕES — Santos

Comemorou, a 6-1-1957, o seu primeiro aniversário, a ESCOLA DE MÉDIUNS E DE DIRIGENTES DE SESSÕES, instalada na Rua Pará, 33, na vizinha cidade de Santos, para o que fez, naquele mesmo dia, realizar solenidades comemorativas que contaram com a colaboração dos confrades Carlos Jordão da Silva, Emilio Manso Vieira e Edgard Armond.

JUNDIAÍ

De 20 até 26-1-1957, serão realizadas na cidade de Jundiaí, pela União Municipal Espírita local, a II SEMANA ESPÍRITA daquela cidade e a II CONCENTRAÇÃO CONFRATERNATIVA DA 3.ª REGIÃO. Em nossas futuras edições, oferecemos noticiário mais detalhado.

UNIÃO MUNICIPAL ESPÍRITA DE GUARATINGUETÁ

Em reunião realizada no dia 20 de novembro, foi reorganizada a UME da cidade de Guaratinguetá, tendo sido escolhidos para comporem a sua Comissão Executiva os seguintes confrades:

Presidente: João Garcia Simões; Secretário: Gabriel Machado Dias; Tesoureiro: Ofir Viana; Diretor de Estudos; Wanter Melo, e Diretor de Assistência Social: Erasto dos Santos Reis.

Os confrades que o desejarem poderão enviar-nos notícias sobre solenidades realizadas ou a realizar-se. Na hipótese de desejarem a publicação de fotografias, deverão consultar previamente, com tempo suficiente, a Secretaria da USE.

INFORMAMOS AOS INTERESSADOS QUE JÁ SE ENCONTRAM NA SECRETARIA DA U.S.E. EXEMPLARES DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", EDIÇÃO COMEMORATIVA DO I CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO.

A CRIANÇA E O NATAL

(continuação da pág. 1)

que estão perseverantemente próximos, que acompanham e participam de suas alegrias e mágoas. Se a criança perdeu ou nunca teve o lar natural, deve encontrar tudo isso no abrigo em que vive, que será um lar tão insubstituível para ela como as nossas pequenas e confortáveis casas o são para nós. Se o abrigo não conseguir esse ambiente, terá fracassado de modo lastimável, ainda que possua um patrimônio vultoso ou tenha recebido os mais honrosos títulos e qualificativos.

Interessados como estamos pelo assunto e tendo visitado um número grande de obras assistenciais em vários Estados do Brasil, não tememos afirmar que é possível manter-se um ambiente de verdadeiro lar em todos os abrigos criados no evangélico princípio da fraternidade, desde que se preencham, principalmente, estes três requisitos:

1.ª) Que as casas tenham no máximo cinquenta crianças cada uma, a fim de que seja possível garantir as principais características do grupo familiar: contacto direto, protecção e amor.

2.ª) Que os lares sejam dirigidos directamente por um casal idealista e eficientemente preparado, que se disponha a residir junto das crianças, centralizando e preenchendo as funções de pais de família pelo zoroação.

3.ª) Que a orientação interna, as instalações, a distribuição das tarefas, etc. tenham por modelo básico a instituição da família, segundo os ensinamentos cristãos de respeito, da fraternidade e da evolução.

Os demais factores dependerão, para nós, destas três condições.

F justamentes no Natal — festa de amor — a grande família composta dos "pais" e dos "filhos" pelo coração, daqueles que Deus uniu nos laços da alma e da convivência, deve estar reunida, como todas as demais, num testemunho de gratidão e amizade.

Que estado de constrangimento não se estará criando para a criança que, no dia de Natal, é levada a uma casa que nunca a viu, por pessoas que se mostram bondosas mas que talvez ela nunca mais verá e é colocada diante duma mesa onde seu lugar é visivelmente artificial e transitório! Ela se sentirá bem, afastada do seu ambiente costumeiro, diante da expectativa curiosa daquele grupo familiar já fechado sobre si mesmo?

Seria fácil, porém longo demais, enumerarmos todos os prejuízos psicológicos que poderiam daí advir.

Não somos contrários à ideia de que as famílias recebam em seus lares as crianças órfãs ou pobres, mas não para a festa de Natal e sim para todos os dias da vida, aceitando-as como dadas do céu, a exemplo do que têm feito as obras assistenciais particulares. E se isso não for facilmente possível, que se convide para a ceia tradicional, a família mais pobre do bairro ou uma criança que está nas ruas, ainda sem teto e sem agasalho.

Quanto aos abrigos, que se propaga uma ideia nobilitante e não depressivamente em torno deles, que se lhes preste maior colaboração e sobretudo que se considerem as crianças abrigadas no mesmo grau de valorização em que temos os nossos filhos ou irmãos, tirando-lhes o apelido inapropriado de

Dos Espíritas ao Povo

Mensagem do Ano do I Centenário do Espiritismo

Ao iniciar-se o ano de 1957, que assinala o fim do primeiro século da era espírita e o início do segundo, os espíritas de São Paulo dirigem ao povo em geral, a todos os seus irmãos de outras religiões, de outras correntes filosóficas e formas diversas de pensar, a sua mensagem de fraternidade e de confiança no futuro melhor que aguarda a humanidade.

Essa mensagem é de fraternidade universal, pois os espíritas aceitam o princípio da irmandade de todas as criaturas, sob a paternidade de Deus.

Todos os homens são iguais perante o Amor de Deus. As diferenças sectárias, como as sociais e as raciais são transitórias, destinadas a serem finalmente superadas pela evolução. Essa mensagem é de confiança, porque os espíritas sabem que a Terra e a Humanidade que a habita estão evoluindo para uma fase melhor.

A Doutrina Espírita tem uma data de nascimento: apareceu a 18 de abril de 1857, com o lançamento, em Paris, de O LIVRO DOS ESPÍRITAS, de Allan Kardec. Neste ano que se inicia, comemora-se o primeiro centenário de grande acontecimento. Ao ser lançado o Livro — obra básica da Doutrina — Kardec transmitiu ao mundo a advertência dos Espíritas, de que a Terra se encontrava na fase de transição, de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração. As agitações e inquietações que temos vividos, não são mais do que confirmações desse fato. A Terra vive um momento de crise, como um organismo em fase de transição no seu desenvolvimento. O futuro do mundo não é sombrio, mas luminoso, pois as forças da evolução dirigem o presente, que, embora aparentemente caótico, encerra em si a alvorada de uma nova civilização.

A emissão do Espiritismo prende-se à reforma do mundo. Assim como o Cristianismo, nos primeiros séculos do seu desenvolvimento, preparou a Terra para o advento de uma civilização nova, o Espiritismo a prepara, atualmente, no mesmo sentido. Anunciado pelo próprio Cristo, como se vê no trecho do Evangelho de João que reproduz a promessa do Consolador do Espírito de Verdade, o Espiritismo é o cumprimento dessa promessa. Para isso, reúne em si todas as forças que a evolução humana desenvolveu até hoje na Terra, consubstanciando-as na sua síntese doutrinária de ciência, filosofia e religião.

Segundo o Espiritismo, o antagonismo, ciência-religião desaparecerá, porque o mundo futuro será cientificamente religioso. Em "A Gênese", Kardec explica: "O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências. Só podia, portanto, aparecer, depois da elaboração delas, e nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio único das leis da matéria". O aparecimento do Espiritismo assinalou, portanto, um momento histórico da evolução humana e a importância desse fato ainda não foi reconhecida, como a importância do aparecimento do Cristianismo não chegou a ser reconhecida senão depois de vários séculos.

Os espíritas de São Paulo, através da COMISSÃO CENTRAL DE COMEMORAÇÕES DO I CENTENÁRIO DO ESPÍRITISMO, que representa o esforço comum de todas as organizações doutrinárias da Capital e do Interior, não podem, pois, deixar passar este momento sem enviar a sua palavra de fraternidade e de confiança no futuro, a toda a população do Estado. E apelam aos homens de boa vontade no sentido de compreenderem as elevadas finalidades do movimento espírita, não criando obstáculos, mormente por motivos sectários ou de simples idiosyncrasia, à realização de suas obras e à propagação dos seus princípios. O Espírita não combate ninguém, pois considera a todos como irmãos e deseja o bem de todos. Respeita todas as crenças e convicções e pede que lhes deem o mesmo tratamento.

Nesta oportunidade, desejam os espíritas de São Paulo chamar a atenção dos homens de responsabilidade política administrativa e religiosa, de todos os que exercem uma parcela de poder, na direção da vida pública ou na orientação desta ou daquela coletividade, para o fato inegável de que estamos no limiar de uma nova era. Em momentos como este — a própria História o ensina — as forças evolutivas exigem de todos os líderes o máximo de serenidade e de elevada compreensão dos mais elevados ideais humanos.

O Espiritismo, revelando a existência de poderosas energias conscientes, fora do âmbito estreito do mundo físico, que exercem forte influência sobre os homens, indica a serenidade e a elevação de pensamento como único meio de evitar-se o predomínio das energias descontroladas e garantir-se o das equilibradas.

Aos descrentes, aos aflitos, aos desesperados, os espíritas enviam a sua mensagem de fé: tudo passa e tudo se renova; aos que temem o futuro, a sua afirmação: tudo evolui; aos que se apegam a princípios sectários e estreitos, a sua advertência: Fora da Caridade não há salvação; aos que semeiam a discórdia e aos que desejam impor-se pela violência e pela força, o grande lema escolhido por Kardec para o movimento espírita: Trabalho, Solidariedade, Tolerância. E assim confiante nos seus princípios doutrinários, que se assentam no Evangelho de Jesus, os espíritas de São Paulo saúdam a todos e a todos conclamam para o segundo século da grande batalha da transformação moral, intelectual e espiritual, da Humanidade.

COMISSÃO CENTRAL DAS COMEMORAÇÕES DO I CENTENÁRIO DO ESPÍRITISMO — Rua Santo Amaro, 362 — Fone: 37-8637 — Caixa Postal, 3946
SÃO PAULO

infelizes, aos quais se dá no dia de Natal, uma migalha da nossa mesa, como obra de caridade.

A criança abrigada precisa sentir que tem um lar e uma família reconhecida por todos, e que seus direitos e deveres diante da vida são os mesmos daqueles comuns às demais crianças. E somos nós, os adultos — os que colaboramos ou visitamos os lares coletivos — que devemos, através duma conduta adequada e compreensiva — proporcionar à criança abrigada a autoconsciência de que ocupa um lugar no mundo, diante do qual não há portas fechadas ou muralhas intransponíveis.

Isso é o que nos parece realmente valioso e oportuno na obra de beneficiar a criança.

O Cego de Siloé

VIRGÍLIO G. CORRÊA

Dentre tantos feitos impressionantes, operados por Jesus e descritos nas luminosas páginas dos evangelhos, destaca-se aquele da cura do cego de Siloé, referido por S. João, no capítulo nove.

O Mestre meditou a recuperação da vista de um homem que não conhecia a luz do sol! Nasceu com os olhos velados e assim viveu até o dia em que conheceu o Senhor. O cego apelou para o Mestre, que era a Luz, para que o libertasse da treva. E o veu lhe foi tirado dos olhos e os seus olhos puderam ver.

Mas Jesus, sobretudo, era o Mestre, e ao feito impressionante, seguiu-se profunda lição. Os discípulos de Jesus lhe perguntaram se era o próprio cego que havia pecado para que fosse justificada a sua expiação. Ou, então, se pagava pela iniqüidade dos seus pais. Evidenciaram duas escolas: a primeira, apoiada na lei da reencarnação. "Mestre, quem pecou, este ou seus pais?" Se ele nasceu cego, só poderia ter pecado em encarnação passada. Esta é a lógica da pergunta, que o Mestre não desfez, o que vale pela sua legitimidade.

A segunda escola também era corrente na época: "Mestre, quem pecou, este ou SEUS PAIS?" Esta concepção prende-se na hereditariedade. Podia ser o resultado da sífilis ou de uma tara física. Esta ideia também foi considerada errônea, embora não fosse o caso em apreço.

— "Nem este pecou nem seus pais, mas foi para que as obras de Deus se manifestem nele", respondeu o Mestre.

O cego era colaborador de Jesus na sua missão terrena. Voluntariamente submeteu-se à espinhosa prova para propiciar a manifestação do poder divino, de maneira objetiva, a fim de chamar os incredulos à conversão. E para dar o seu testemunho a respeito de Jesus, provando ser ele o Cristo. E diante da reprovação dos judeus, afirmou o que foi cego: "Desde que há mundo nunca se ouviu dizer que alguém abrisse os olhos de um cego de nascimento!"

Foi a melhor colaboração que ele poderia fazer ao Mestre, para que, no cenário do mundo, se objetivassem as obras de Deus, realizadas pelo homem mais puro, sábio e poderoso que habitou o Planeta — Jesus.

A F E I R A D A S N A Ç Õ E S S / A
COMERCIAL E IMPORTADORA

Sua
contribuição

OFERECE, PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO, SUGESTIVAS CESTAS DE NATAL, AO ALCANCE DE TÓDAS AS BOLSAS
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 14 — LARGO DO OUVIDOR, 7 — PRAÇA DA SÉ, 174

pró
Unificação

O fim do Romance Intitulado: The Mystery of Edwin Drood

GABRIEL DELANNE *

EM 1872 espalhou-se pelos Estados Unidos a notícia de que um jovem sem instrução, mecânico de profissão, chamado James, ia terminar medianimicamente um romance intitulado: *The mystery of Edwin Drood*, que a morte de Dickens deixara inacabado. O *Springfield Daily Union* enviou logo um dos seus redatores a Brattleborough (Vermont), onde residia o médium, para informar-se acerca dos pormenores dessa estranha empresa literária. O relatório apareceu no dia 26 de julho de 1873, sendo reproduzido pelo *Banner of Light* e o *Spiritualist* de 1873, na página 322. Seguem abaixo alguns detalhes a respeito do médium e do que ele escreveu mecanicamente:

O médium nasceu em Bóston; com a idade de quatorze anos foi pôsto a aprender o ofício de mecânico, função essa que ocupa até hoje; a sua instrução escolar terminou pois aos treze anos. Se bem não fosse um rapazinho falto de inteligência, nem iletrado, não manifestava contudo nenhum gosto pela literatura nem por ela nunca se interessara. Eis aí o retrato de quem tomou em mãos a pena de Dickens e lhe terminou a obra.

A mediunidade de James se desenvolveu ao praticar Espiritismo com amigos. Era muito incrédulo e um dia, quando assistia a experiências, caiu em transe, tomou de um lápis e deu uma comunicação que trazia a assinatura de um filho de um dos assistentes, cuja existência ignorava. Ch. Dickens, no fim do mês de outubro de 1872, lhe disse que ele havia sido escolhido para terminar-lhe a obra.

Essa comunicação informava que Dickens havia por muito tempo procurado o meio de realizar o objetivo, mas que, até aquele dia, não encontrara médium apto para desincumbir-se de semelhante missão. Desejava que o primeiro ditado fosse dado na véspera de Natal, noite que particularmente prezava e pedia ao médium que consagrasse à obra todo o tempo de que, sem prejuízo das suas habituais ocupações, pudesse dispor... James, convencido logo de que era a mão do mestre que escrevia, aceitou da melhor vontade aquela estranha situação. Os trabalhos executados pelo médium fora das suas ocupações profissionais, que lhe tomaram dez horas por dia, alcançaram, até julho de 1873, mil e duzentas folhas manuscritas, o que representa um volume in-octavo de quatrocentas páginas.

Qual seria o valor da obra escrita assim dessa maneira? Encontrar-se-iam naquela continuação as especiais qualidades do grande romancista inglês? Apelemos para a crítica que o correspondente do *Springfield Daily Union* fez acerca desse romance tão singularmente obtido:

Achamo-nos em presença de um grupo inteiro de personagens, cada uma com os seus traços característicos, cujos papéis devem ser sustentados até o fim, o que constitui um considerável trabalho para quem, em toda a sua vida, não escreveu três páginas sobre o

que quer que fosse; estamos pois surpreendidos ao verificar, desde o primeiro capítulo, uma semelhança completa com a parte publicada do romance.

A narrativa foi retomada precisamente na parte interrompida pela morte do autor e isso com uma concordância tão perfeita, que o mais consumado dos críticos, que não conhecesse a parte interrompida, não seria capaz de dizer onde Dickens deixara de escrever o romance com as próprias mãos. Cada uma das personagens, como na primeira parte da obra, continua com a mesma vivacidade, com a mesma característica, com a mesma representação. Não é ainda tudo. Apresentam-se-nos novas personagens — costume de Dickens, que gostava de introduzir novos atores até nas últimas cenas das suas obras — que não são absolutamente imitações dos heróis da primeira parte; não são manequins, mas atores com vida, verdadeiras criações. Mas criações de quem?

Até aqui ainda não podemos ver nas observações precedentes senão uma apreciação literária mais ou menos valiosa, uma vez que ela fica na dependência da cultura intelectual do crítico e pode ter sido influenciada por entusiasmo. Porém se atentarmos para o manuscrito encontraremos provas objetivas de que o inspirador da obra é mesmo o próprio Dickens. Vejamos:

Eis alguns pormenores de incontestável interesse. Examinando o manuscrito, verifiquei que a palavra *traveller* (viajante) era escrita com dois *l*, como é de uso na Inglaterra, ao passo que aqui entre nós na América se usa geralmente apenas um *s*.

A palavra *coal* (carvão) é sempre escrita *coals*, com *s*, como se faz na Inglaterra. É interessante também observarmos no emprêgo das maiúsculas as mesmas particularidades que se podem notar nos manuscritos de Dickens, como por exemplo quando se designa o Sr. Grewgios como sendo *an angular man* (um homem angular). Admirável é também o conhecimento topográfico de Londres, de que o misterioso autor dá prova em numerosas passagens do livro. Há também muitos torneios fraseológicos, que se usam na Inglaterra e se desconhecem na América. Mencionarei ainda a mudança repentina de tempos verbais, do passado para o presente, sobretudo numa narrativa animada, transição muito frequente em Dickens, principalmente nas suas últimas obras. Essas particularidades, bem como outras que se poderiam citar, são de somenos importância, mas todavia é com semelhantes bagateias que se pode fazer malograr qualquer tentativa de fraude.

Que há pois no presente caso que possa admitir a possibilidade de uma trapaça? É exatamente isso que o repórter perguntou a si mesmo e eis como ele responde à própria pergunta:

Cheguei a Brattleborough com a convicção de que aquela obra póstuma não passava de uma bolha de sabão, fácil de arrebentar. Após dois dias de atencioso exame, parti de novo; mas, devo confessá-lo, fiquei depois indeciso. Negava a princípio como cousa impossível — como qualquer de nós o poderia fazer depois de exame — pudesse o manuscrito ser obra do jovem médium; disse-me que nunca havia lido o primeiro volume, afirmativa aliás desnecessária, segundo creio, porque estou perfeitamente convencido de que não seria capaz de escrever uma única página do segundo volume. Não vai nisto ofensa ao médium, porque não há muitas pessoas que possam estar em condições de terminar uma obra de Dickens! (1)

Conclusão:

Vejo-me, conseqüentemente, colocado no seguinte dilema: ou um homem qualquer de gênio usou do Sr. James, como instrumento, para apresentar ao público uma obra extraordinária, de uma maneira igualmente extraordinária, ou então o livro, como o pretende o seu autor invisível, foi com efeito escrito, sob ditado, pelo próprio Dickens. A segunda suposição não é menos maravilhosa do que a primeira. Se existe em Vermont um cidadão, desconhecido até o presente, que seja capaz de escrever como o próprio Dickens, "o qual fala, conquanto esteja morto", a que surpresa não nos devemos preparar?

Dou a minha palavra de honra que, tendo tido ocasião de examinar livremente todas as cousas, não pude encontrar o menor indício de fraude, e se eu tivesse o direito de publicar o nome do médium-autor, isso bastaria para dissipar todas as suspeitas aos olhos das pessoas que o conhecem, por pouco que se-ja (2).

É certo que, se a cousa estiver relacionada com exatidão, o presente caso não pode ser explicado por nenhuma das hipóteses favoritas dos incrédulos. Nem a subconsciência, nem a memória criptonética, nem a clarividência são capazes de dar ao jovem mecânico o estilo de Dickens, nem os conhecimentos dele, nem a sua ortografia, pelo que, até prova em contrário, nos parece razoável atribuir ao Espírito de Dickens o término do seu romance sobre *O mistério de Edwin Drood*.

* — Extraído de *Recherches sur la Médiumnité*, págs. 356/359, da edição de 1923.

- (1) O livro foi publicado na América, em 1873, pela casa Clark W. Bryan, Springfield, Mass., Estados Unidos.
- (2) O Sr. Harrison, homem muito competente no assunto, assim se exprime: é difícil admitir-se que o gênio e o sentimento artístico existentes naquela obra, os quais têm tanta semelhança com o gênio e o sentimento artístico de Ch. Dickens, tenham levado o seu autor, seja ele quem for, a não apresentar-se ao mundo senão como um hábil mistificador (*Spiritualist*, 1873, págs. 26).

A Gênese do Esperanto

Tradução de Mário RODRIGUES MONTEIRO

Temos grande satisfação em brindar nossos leitores, cremos que em primeira mão em nossa língua, com interessantíssimo excerto duma carta de L. Zamenhof, em que o próprio autor do Esperanto explica como nasceu no seu espírito, como paulatinamente se desenvolveu, como, finalmente, em genial arquitetura, frutificou a luminosa idéia de dotar a humanidade com uma língua neutra que, não pertencendo, em particular, a ninguém, fosse comum e magnífica propriedade.

A carta, redigida em russo, foi endereçada, em caráter particular e em resposta a uma pergunta, ao Sr. N. Borovko. Traduzida, depois, para o Esperanto, por V. G., foi publicada na revista "Lingvo Internacia", em 6-7-1896. Dessa versão em Esperanto é que extraímos o fragmento que a seguir damos, em tradução portuguesa.

* * *

Nasci na cidade polonesa de Bielostoc e nela passei a meninice, fato geográfico que condicionou o meu destino. Predominavam em Bielostoc quatro grupos populacionais: o russo, o polonês, o alemão e o judaico. Cada um desses grupos falava uma língua diferente e mantinha com os outros três pouco

afáveis relações. Na minha cidade natal, por conseguinte, porventura mais do que em qualquer outro lugar, podia uma natureza sensível perceber a grande desventura que é a diversidade de línguas, e ver claramente que é ela, senão a única, pelo menos, talvez, a causa principal da desunião em que vive a família humana, fragmentada em pouco amistosas facções.

Educaram-me como idealista e ensinaram-me que todos os homens são irmãos. Mas nas ruas, nas praças da minha cidade natal, tudo, a cada momento, me fazia sentir que elas não eram palmilhadas nem habitadas por homens, senão por russos, poloneses, alemães e judeus. Tão melancólica verificação foi sempre um tormento para minha alma juvenil, embora talvez haja motivo de riso para muitos, nessa minha temporária mágoa do mundo. E como, a meus olhos de criança, os adultos pareciam dotados de grande, de quase onipotente poder, assumi para comigo mesmo, o compromisso de remediar, quando eu também fosse grande, tão deplorável estado de coisas.

Como é natural, porém, pouco a pouco me fui convencendo de que o problema não era tão fácil como me parecia na meninice. Mas se, com o fluir dos anos, pus de lado muitos sonhos juvenis, um deles nunca eu pude, porém, esquecer: o de um idioma comum para os homens todos. A ele desde

logo me atirei, mas confusamente e, como era de esperar, sem qualquer plano definido. Não me lembro, na verdade, quando, mas bem cedo, firmou-se em mim a convicção de que a língua internacional teria de ser neutra, o que desde logo excluía a de qualquer das nações existentes. Na época em que me transferi do colégio real de Bielostoc para o liceu de Varsóvia, andei durante algum tempo seduzido pelas línguas antigas e nelas via a anelada solução. Pensei mesmo em viajar algum dia através do mundo, e, com palavras ardentes, induzi os homens a reviverem, para uso comum, uma das línguas mortas. Mas depois, já não recordo como, convenci-me de que isso não era possível, e comeci então, embrionariamente, a meditar numa língua nova e artificial. Várias vezes, naquele tempo, fiz tentativas nessa direção, mas enlevado pelas opulentas declinações, pelas conjugações abundantes. E, assim entrevista, a língua da humanidade, exuberante de formas gramaticais que me pareciam infinitas, de centenas de milhares de vocábulos, catalogados em espessos dicionários, atemorizou-me tanto, afigurou-se-me de estrutura tão artificial, tão ingente, que mais uma vez me desenganei. — "Fora com os sonhos! A tarefa é sobre-humana!", clamava dentro de mim uma voz acomodaticia. Mas os sonhos, obstinados, não me largavam...

(Continua)

Conselho Metropolitano Espírita

Encerrando suas atividades no ano de 1956, o Conselho Metropolitano Espírita promoveu, além das palestras doutrinárias nas entidades patrocinadoras, a I Confraternização Infanto-Juvenil, no bairro da Lapa, e realizou, como sua última reunião administrativa, uma confraternização dos membros do seu Conselho Deliberativo e dos seus órgãos constitutivos.

I Confraternização Infanto-Juvenil

No dia 16 de dezembro, às 15,30 horas, no salão da "Mútua", situado na Rua João Pereira, 115, no bairro da Lapa, contando com a participação de todas as Uniãoes Distritais Espíritas, cabendo a parte executiva à União Distrital Espírita "Cairbar Schutel", promoveu o Conselho a I Confraternização Infanto-Juvenil, movimento que reuniu crianças de quasi todos os bairros da Capital, e que marcou o início de uma tarefa, das mais importantes nos meios doutrinários. Os trabalhos obedeceram ao seguinte roteiro:

- I — abertura, pelo presidente do Conselho Metropolitano Espírita após ser proferida a prece, e entrega da direção ao presidente da União Distrital Espírita local.
- II — palavras do orador, que abordou o tema relativo à importância do ensino do Espiritismo à Infância, e convite aos pais; palavras de diversos representantes.
- III — aula-modêlo, com projeção, dada por elementos do Departamento da Criança da Federação.
- IV — Parte artística infantil, a qual contou com a participação de crianças dos cursos infantis locais e da Instituição Beneficente "Nosso Lar;
- V — encerramento após a prece final;
- VI — distribuição de balas e bombons à petizada.

O movimento contou com o apoio das seguintes sociedades e órgãos da U.S.E.:

- Federação Espírita do Estado de São Paulo
- Liga Espírita do Estado de São Paulo
- Sinagoga Espírita Nova Jerusalém
- União Federativa Espírita Paulista e todas as Uniãoes Distritais Espíritas de São Paulo.

O Conselho Metropolitano Espírita, dando cumprimento a um dos itens do seu plano bienal de trabalho, apoiará e procurará incentivar a formação de escolas infantis nas sociedades espíritas.

Última reunião administrativa

Com a presença dos seus membros, dos membros da Diretoria Executiva da U.S.E., e de diversas U.D.E.S., realizou o Conselho Metropolitano Espírita sua última reunião administrativa de 1956. Realizou-se no dia 15 de dezembro, às 20,30 horas, em nossa sede social, onde todos puderam externar seus sentimentos com relação ao movimento, onde tivemos a palavra de incentivo do presidente da D.E., e orientação e encorajamento de um dos nossos mentores espirituais.

Palestras doutrinárias:

Como habitualmente vem fazendo, realizou o Conselho Metropolitano Espírita palestras doutrinárias na Federação Espírita (1.º domingo), na Sinagoga Espírita Nova Jerusalém (2.º sábado) e na Liga Espírita do Estado de São Paulo (4.º domingo).

Unificação dos Espíritas:

Em cumprimento às tarefas que lhe cabe realizar, o Departamento de Organização fará realizar, até meados de 1958, palestras em todos os Centros e sociedades espíritas da Capital. Publicamos, a seguir, a escalonamento de locais feita, e com satisfação noticiamos a realização de diversas palestras, iniciadas no dia 2 de janeiro, na sede do Centro Espírita "Kardecismo e Lealdade", Mooca:

- dia 2 — Centro Espírita Kardecismo e Lealdade
Rua Ipanema, 180 — Mooca
- dia 4 — Centro Espírita Doze Apóstolos de Jesus
Rua Aracati, 248 — Penha
- dia 5 — U.D.E. Cairbar Schutel
Rua Doze de Outubro, 310 — Lapa
- dia 6 — Federação Espírita do Estado de São Paulo
Rua Maria Paula, 158 — Centro
- dia 9 — Centro Espírita Humildade e Amor
Rua Gilberto Sabino, 11 — Pinheiros

- dia 11 — Centro Espírita Clemente Ferreira
Rua Martim Afonso, 194 — Belém
- dia 12 — Sinagoga Espírita Nova Jerusalém
Rua Casimiro de Abreu, 398 — Brás
- dia 13 — Hora Espiritual — Rádio Tupi
- dia 13 — U.D.E. Pedro de Alcântara
Guainases — E.F.C.B.
- dia 14 — Centro Espírita Irmã Carolina
Av. Celso Garcia, 2664 — Belém
- dia 16 — Centro Espírita André Luís
Rua Barnabé Coutinho, 259 — Freg. do Ó
- dia 17 — Centro Espírita Fôrça e Luz
Rua Júlio de Castilhos, 983 — Brás
- dia 18 — Centro Espírita Evangélico Gabriel Ferreira
Aua 58 n.º 7 — Vila Maria
- dia 19 — U.D.E. André Luís
Rua Orandi — Casa Verde
- dia 21 — Centro Espírita Bezerra de Menezes
Rua Antônio de Toledo Pisa, 74 — Lapa
- dia 23 — Centro Espírita Anjo Miguel Arcaño
Rua Benta Pereira, 501 — Santana
- dia 24 — Casa de Caridade Jacques Motolá
Rua Javari, 696 — Mooca
- dia 25 — Centro Espírita José Barroso
Rua João Bohemer, 550 — Brás
- dia 26 — Centro Espírita Olinda de Jesus
Rua Irmão Leme, 20 — Tatuapé
- dia 27 — U.D.E. Lins de Vasconcelos (CONCENTRAÇÃO)
Rua Oliveira Barbosa, 3-A — Bairro do Limão
- dia 30 — Centro Espírita Irmã Maria
Rua Engenheiro Mallaski — Presidente Altino.

PRIMEIRA CARAVANA DA FRATERNIDADE

VISITA AO SANATÓRIO AMÉRICO BAIRRAL DE ITAPIRA

Dia 20 de janeiro corrente, partiu de São Paulo, em automóveis, peruas, e ônibus especiais, a I CARAVANA DA FRATERNIDADE organizada pelo Conselho Metropolitano Espírita, a fim de, visitando o Sanatório Américo Bairral, proporcionar aos espíritas paulistanos um contato mais direto com a prática doutrinária no campo assistencial.

Integraram a Caravana representantes do C.M.E., das Uniãoes Distritais Espíritas de São Paulo; do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo; da União Federativa Espírita Paulista; da Rádio Progresso de São Paulo; do Programa Radiofônico "Hora Espiritual" da Rádio Tupi; do Jornal "Aliança" e do "O Clarim"; das Revistas "Ilustração Espírita" e "Internacional do Espiritismo"; das Mocidades Espíritas "LAPPA", Bosque da Saúde e UJELAN e outros. Para abri-lhantar as festividades confraternativas no Sanatório AMÉRICO BAIRRAL, seguiu, em duas peruas, a Cia. Negra de Revistas e Benjamin de Oliveira, gentilmente oferecida pelo Departamento de Cultura, da Prefeitura de São Paulo. Falaram diversos oradores na ocasião, manifestando se ue entusiasmo e sua satisfação pela visita realizada, quando tiveram oportunidade de melhor conhecer a extraordinária e respeitável organização hospitalar que é hoje a Fundação Espírita Sanatório Américo Bairral. As palestras foram gravadas pela Rádio Progresso e transmitidas pela Rádio Clube de Itapira. Aos diretores do Sanatório AMÉRICO BAIRRAL as nossas melhores expressões de reconhecimento pela acolhida verdadeiramente fraterna que proporcionou à I Caravana da Fraternidade do C.M.E.

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA

Empenha-se o C.M.E. no sentido de que os espíritas de São Paulo juntem esforços no campo das realizações assistenciais que deverão, doravante, dar uma nova característica à atividade social-doutrinária dos espíritas paulistanos. Sente-se, portanto, satisfeito em informar aos confrades espíritas da nossa Capital, da aprovação, por parte do Conselho Deliberativo Estadual, do plano assistencial que apresentou e que, por seu intermédio e em concurso com as Uniãoes Distritais e demais forças vivas do Espiritismo bandeirante, se propõe dar execução.

CONFERÊNCIAS DO C. J. E.

O Clube dos Jornalistas Espíritas, com sede na Rua de São Bento, 21 (sobrelaja), fêz realizar, de 7 a 13 de janeiro, mais uma série de conferências, para inauguração do seu auditório, as quais foram assim distribuídas:

- Dia 7: A Missão do Jornalista Espírita
Orador: *Freitas Nobre*
- Dia 8: A Missão Social do Espiritismo
Orador: *Campos Vergat*
- Dia 9: A Missão do Intelectual Espírita
Orador: *Carlos Imbasahy*
- Dia 10: O Espiritismo em face da Ciência
Orador: *Carlos Rizzini*
- Dia 11: Espiritismo e Umbanda
Orador: *Deolindo Amorim*

Noticiário

Dia 12: Espiritismo e Medicina

Orador: *Leivado Melo*

Dia 13: Problemas da Reencarnação

Orador: *César Burnier*

FORMATURA NO EDUCANDÁRIO PESTALÓZZI

No dia 16 de dezembro realizou-se a formatura da 5.ª turma de ginasianos do "Educandário Pestalózz".

O acontecimento é realmente auspicioso por se tratar de uma instituição Espírita das mais dignas e respeitáveis do nosso Estado. O Educandário Pestalózz é um

dos colégios mais bem instalados da cidade de Franca, onde o ensino atinge um elevado índice de eficiência. O Educandário tem enfrentado árduas lutas, campanhas destrutivas, acrescidas mesmo até da indiferença de muitos espíritas. Muito embora a falta de colaboração daqueles que deveriam permanecer na linha de frente constitua dificuldades ao Educandário, este vai realizando a sua tarefa com segurança e idealismo.

Foi paraninô da turma de 1956 o confrade Emílio Manso Vieira, que na ocasião discorreu sobre o valor da Educação

como elemento de confraternização dos povos. A solenidade foi simples, porém, marcou mais uma etapa de subida importância nos arraiais espíritas. Que acontecimentos idênticos se repitam por toda parte, glorificando a nossa doutrina e beneficiando a humanidade.

Os nossos cumprimentos.

INSTITUTO "LAR DE JESUS"

O Instituto supracitado, com sede na Rua Conselheiro Furtado, 308, fêz realizar, no dia 6 de dezembro, às 20,30 horas, uma sessão solene para o registro da Ata da Fundação e posse da sua Diretoria. O objetivo do Instituto é a construção de um abrigo para as crianças órfãs e desamparadas.

Sua
contribuição

P A P E L A R I A B R A S I L E I R A
INDUSTRIAL — IMPORTADORA
RUA RIACHUELO, 58 — SÃO PAULO
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO — O MAIOR ESTOQUE DE ARTIGOS ESCOLARES

pró
Unificação

A aparição de Júlio Ribeiro

Pouco se sabe da vida de Júlio Ribeiro. É ele geralmente citado apenas como gramático; poucos o conhecem como escritor, como o literato que escreveu um romance sensual, apontado sobretudo pelo Clero como perigoso a senhoras e senhorinhas de boa família, a começar pelo título, que é demasiado apetitoso, porque provoca cócegas na concupiscência... própria e alheia: A CARNE, apelidada na ocasião de *carnica*. É de quase só. Os sentimentos religiosos que o animaram, os invulgaros dotes de polemista de que era dotado, o seu rígido caráter, que era prenda inata, a sua atribulada vida íntima, de pobreza e labuta insanas, enfim a sua amara peregrinação pela Terra — quase não pertencem ao domínio público, são pouco apreciados ou mal-compreendidos.

Fala-se por exemplo que ele era ateu, declarando essa aliás dele próprio. Mas tê-lo-ia sido na intelecção do termo? Tê-lo-ia sido em todos os instantes de sua existência? Teria mesmo sido consumado ateu quem às vezes pronunciava o nome de Deus? A propósito conta-nos o Dr. Raimundo de Menezes:

"A saúde de Júlio Ribeiro andava bem abalada. Fôra proclamada a República e estava ele na Corte, lecionando no Instituto Nacional de Instrução Secundária. Em abril de 1890 escrevia ao filho Joel: 'Estou sózinho aqui porque preciso ganhar o pão para todos! Triste sorte a de teu pai, meu filho!'. Logo adiante: 'Minha saúde não é boa, fiquei muito doente em São Paulo, e ainda não estou bom'.

Encontrando-se, por essa ocasião, na Rua do Ouvidor, com Artur Azevedo, este saudou-o:

— Viva o eterno moribundo! Então como vai isso?

— Val-se morrendo como Deus é servido, foi a resposta do ateu Júlio Ribeiro" (1).

Simplez força de expressão interjetiva? Seguiria ele a tática de Voltaire ou seria realmente ateu?

O seu romance provocou-lhe muitos dissabores. A Igreja Católica, sem razão ou com ela, dissecou-o, através da pena do padre Sena Freitas, sem dó nem piedade. A respeito do assunto, escreve o Sr. Sejan Espíres:

"Sena Freitas, cumprindo o seu dever de sacerdote, dá, pela Imprensa, o grito de alarma. Mostra o perigo que a obra oferece para uma sociedade de lares decentes. Escalpa-a e descobre-lhe a eiva de outros defeitos. Lenita no Brasil de então, com o seu latim, com o seu grego, com a sua erudição, a discutir com doutos e a levá-los de encambulhada, é um absurdo num romance que pretende ser um documento humano. Diálogos, em cenas desenroladas no Brasil, entre personagens brasileiras, são tecidos em sintaxe genuinamente portuguesa, quando deveriam ter o cunho sintático do falar autóctone. Além de que, a obra esposa a teoria do determinismo psicológico para mais adiante explodir em exprobações contra uma criatura que se deprava. É isto sem falar naquela inversão de papéis, bestial, despuddorada, inverossímil, entre Lenita e Barbosa" (2).

* * *

Correm muitas dúvidas sobre a suposta conversão de Rui Barbosa ao Catolicismo. A incredulidade dessa palansa conversão é muito natural, dada a razão de ser o convertido uma pessoa que se chamava apenas RUI BARBOSA.

Medeiros e Albuquerque teria tido idêntico destino se o não movesse a mesma revolta de acatolicidade. Não nos esqueçamos de Guerra Junqueiro, Eça de Queirós e outras celebridades, cujas conversões têm dado pano para mangas.

Júlio Ribeiro, em lúcida intuição, sabia ou compreendia que, depois da sua morte, a Igreja lhe iria à memória. Criatura radicalmente livre de

João TEIXEIRA DE PAULA

subversões religiosas, não haveria de permitir o desassossêgo da paz de morto pelo ultramontanismo corriqueiro dos séculos. Assim, vindo aparecer no seu quarto de moribundo uma figura de padre, que lá ia talvez sob o supel de conforto religioso, compreendeu logo que o seu nome seria mais uma das presas fatais do Clericalismo, se não tomasse prontas e enérgicas medidas de precaução. Escreveu então nesse sentido um bilheteinho a Vicente de Carvalho, cujos versos são o encanto de todos nós. Chamava-o à cabeceira da cama, para lhe pedir um favor, num último adeus, que o silêncio da tumba perpetuaria.

O poeta foi.

Júlio Ribeiro expõe-lhe os receios, comenta-os, deplora-os, chora-os, pede-lhe a opinião, suplica-lhe defenda a memória, na possibilidade de um assalto a ela. Diz-lhe que visse a "tristeza de ser pobre. A falta de recursos obrigou-me a entregar um filho à educação gratuita do Colégio de Itu. O Reitor daquele estabelecimento julgou-se autorizado, pelo favor que me prestava, de me reconciliar com a Igreja. Acredito que os padres tentarão explorar o meu nome, apregoando que me aproximei afinal das suas crenças. Defenda a minha memória. Afirme que morri sem reconhecer o Deus absurdo do Cristianismo" (3).

É chocante. É chocante de piedade de um homem, entre as vascas da morte, fazer uma súplica dessa natureza!

Podíamos agora deixar a pena a sêco, privando-nos da honrosa companhia de Vicente de Carvalho, porque onde prova mais conclusiva da soberania anticatólica do gramático patriótico? Porém o caso, com ser fúnebre, doloroso, tem o seu lado pinturesco, cômico até.

A Igreja mandou à casa do moribundo ao padre Sena Freitas. Por que é e não outro? Porque o padre luso era de comprovada erudição, de grande atividade política e de tentadora amabilidade pessoal. Numa circunstância melindrosa como aquela, que seria dela se lá mandasse um

Bojudo fradalhão de larga venta, Abismo imundo de tabaco esturro, Doutor na asneira, na ciência burro,

Com barba hirsuta, que no peito assenta,

no poeta satírico do áureo Bocage?

Júlio Ribeiro morreu; o padre Sena Freitas, então, num arroubo de ousadia e deslealdade, acostado à Imprensa, escreveu bonito, parolou à vontade, terminando a arenga apologética com uma afirmação, que o pôs depois em maus lençóis: Júlio Ribeiro havia morrido cristão!

Aí é que Vicente de Carvalho, lembrado da promessa, faz a defesa do pranteado amigo, que lhe havia declarado premtoriamente:

"A educação me criou católico; a leitura da Bíblia me tornou protestante; a razão me fez ateu".

Foi assim o caso de Júlio Ribeiro. O nosso gramático, já nos instantes do desencarne, quando o seu corpo la sujeitar-se, na cova, às leis do fluido galvânico, o *esquartejador*, como lhe chama Ely Star, afirmava categoricamente, em pleno uso da razão, que era... ateu!

Sendo de uma franqueza desabrada e impiedosa, sem compreensão evangélica, não iria converter-se assim tão facilmente. Ademais era implacável nos seus sentimentos afetivos. Quando perdeu um filho, o padre Sena Freitas, talvez no bom intuito de consolá-lo, mandou-lhe um cartão de pêsames, como o faria qualquer pes-

soa bem intencionada. A resposta do nosso gramático foi virulenta:

"Recebi o cartão em que V. Revma. me dá 'sinceros pêsames' pelo falecimento do meu filho. Não agradeço esses pêsames, não posso aceitá-los. Agredido, ridicularizado, ferido em meu melindre por V. Revma., eu voto a V. Revma. cordial desafeição: trocar com V. Revma. exterioridades de cortesia, quando em meu coração layra fundo rancor, e façanha diplomática que se não compedece com a minha lealdade de ânimo. Sou franco, franco em toda a extensão da palavra, franco até a brutalidade: a minha franqueza leva-me a dizer — aborreço, detesto tanto o Sr. padre Sena Freitas quanto outrora o apreciava. Júlio Ribeiro".

* * *

Qual teria sido a idéia do nosso escritor sobre o Ateísmo, tão logo pôde aparecer a Horácio de Carvalho, como é sabido e notório? Se não há Deus, se tudo acaba com a matéria, quem teria criado aquele mundo em que ele, com certeza boquiaberto e embasbacado da realidade de si mesmo, preexistia?

É o que não sabemos. Aliás a respeito da sua aparição a Horácio de Carvalho, o Prof. Silveira Bueno, que ouviu a história da boca da própria viúva do nosso capivarense, conta o seguinte:

"Júlio Ribeiro falecera. O jornal que dirigia, em Santos, estava fechado. Uma tarde, ao cair da noite, passando pelo edifício da redação, viu Horácio de Carvalho que havia luz na sala: alguém deveria lá estar. Dirigiu-se à casa de Dona Belisária e perguntou-lhe se havia mandado alguém ao jornal. Diante da resposta negativa, pensou então em ladrões e, tomando a chave do prédio, voltou para certificar-se do que havia. Ao chegar à porta da redação, antes de abri-la, espiou pela fechadura: lá dentro de costas voltadas, alguém lia um jornal. Quem seria? Observou melhor e pareceu-lhe que fosse Júlio Ribeiro... Mas como? Não tinha falecido há semanas? Tornou a olhar e então o estranho visitante se foi voltando para a porta, lentamente, e, baixando o jornal que lia, olhou também ele para a mesma fechadura pela qual mirava Horácio de Carvalho: os olhos se encontraram, se reconheceram. Na ânsia de certificar-se bem do que lhe ocorria, mete a chave na porta, abre-a, entra no recinto, mas o encontra às escuras, apagado o lâmpião, tudo silencioso. Fôra miragem, auto-sugestão, projeção do que lhe passava no espírito, engano enfim do seu psiquismo já adrede preparado por tantas leituras nessa constante esfera de mistério e de sonhos da teosofia e do ocultismo? Não me proponho a discutir o lado religioso ou científico do assunto: sou apenas narrador, repetidor de narrações ouvidas a Dona Belisária Ribeiro, o mais verídico repositório das tradições de seu espóso ilustre" (4).

Como se vê, é um mero caso de aparição sem maiores consequências do que a veracidade do próprio fato. É uma aparição espírita perfeitamente caracterizada, cujo lado religioso ou científico o narrador prudentemente se eximiu de discutir. Fôra ele um estudioso das Ciências Psíquicas e teria logo verificado que a aparição, relatada com pormenores históricos, é considerada em si, fato corriqueiro. Os fenômenos de aparição, encarados na sua base racional, destituídos de preconceitos ou superstições, são tão simples e plausíveis como o são, no dizer de Allan Kardec, um "sem-número de fenômenos físicos, que só parecem prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los".

A chave, está-se a ver, nos é dada pela Doutrina Espírita, a qual, segundo Gabriel Delanne, numa de suas

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção: DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Abraão Sarraf
João Teixeira de Paula
José Herculanô Pires
Luiz Monteiro de Barros

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual no País Cr\$ 40,00
Assinatura anual no Exterior ... Cr\$ 50,00
Número avulso na Capital Cr\$ 3,00
Número avulso no Interior Cr\$ 4,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINGRAFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

obras, nos explica, "sem exceção de um só", todos os fatos.

Porém mesmo que não tivesse havido a aparição de Júlio Ribeiro — dever-se-ia por isso negar a possibilidade das aparições? Não, por certo. Seria dar provas de incúria da realidade das coisas quem assim pensasse. As aparições sempre se deram e numerosas foram observadas e estudadas por homens de indiscutível valor científico. É certo que ninguém é obrigado a acreditar em tudo ou em nada. O nosso ilustre narrador, por exemplo, tem as suas dúvidas, aliás muito naturais em quem nunca se dedicou a estudos ou pesquisas dos fenômenos. Miragem, auto-sugestão ou projeção do que se passava no psiquismo de Horácio de Carvalho? pergunta ele. Com muito bom senso. Limitou-se a perguntar em vez de ir logo condenando tudo, tudo procurando arrasar como asneira, beatice, mistifório...

Houve várias hipóteses materialistas para a explicação desses fenômenos. Uma das mais curiosas, por partir justamente de um homem dado a pesquisas científicas dos assuntos paranormais, foi a apresentada pelo célebre Barão Charles de Reichenbach: a da *ação química*, fornecedora, em abundância, do "princípio ativo da força cristálica". Chegou a essa conclusão graças ao caso ocorrido com o pastor evangélico Billing, secretário particular de Pfeffel, em Comar, Alemanha.

Billing, quando passava por determinado lugar do jardim da residência do patrão, se sentia mal e o braço se lhe punha a tremer; se era à noite que por lá passava, tinha visões, isto é percebia uma "flâmula imaterial", que, tendo a forma de uma mulher, com um braço no peito e outro caído, se balouçava no ar, a dois pés acima do solo. Persistindo o fenômeno, Pfeffel mandou escavar o chão, onde encontrou um esqueleto, recoberto de cal. Daí por diante não houve mais nada, graças, na explicação do Barão, ao desaparecimento da ação química do esqueleto, a qual provocava uma "continua emanação de luz devida à força cristálica". Quem quiser maiores detalhes acerca do assunto, poderá consultar a obra do nosso autor, abaixo citada, da página 136 a 165.

- (1) Dr. Raimundo de Menezes, Júlio Ribeiro, artigo publicado em O Estado de São Paulo.
- (2) Sejan Espíres, Júlio Ribeiro e Sena Freitas, art. publicado na Folha da Manhã, 15 de março de 1945.
- (3) Vicente de Carvalho, Páginas soltas, pag. 122, ed. de 1911.
- (4) Prof. Silveira Bueno, Recordações de Júlio Ribeiro, art. publicado em O Estado de S. Paulo, 9 de dezembro de 1942.
- (5) Charles de Reichenbach, Les Phénomènes odiques ou Recherches physiques et physiologiques, tradução francesa de Ernest Lacoste, edição de 1904.